

DUELO DE INVASÕES

DF - cidade

Enquanto a Estrutural é removida pelo governo, Acampamento da Telebrasília tenta garantir a sua legalização

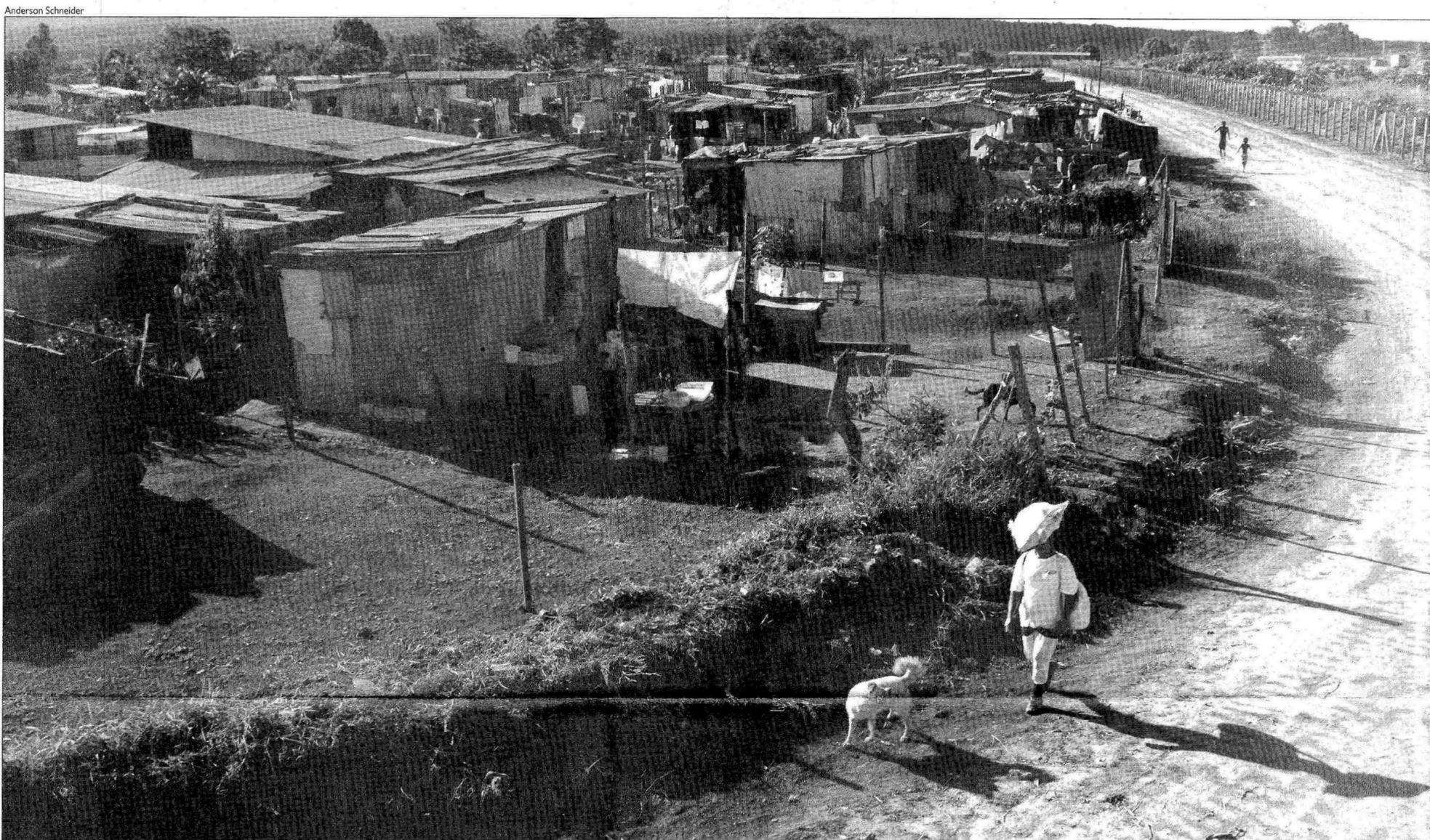
Ana Júlia Pinheiro
Da equipe do Correio

Na invasão da Estrutural, caminho entre o Plano Piloto e Taguatinga, os caminhões de mudança rodam de um lado para o outro, carregados de móveis velhos. Do outro lado da cidade, no final da Asa Sul, veículos pesados transportam manilhas para canalizar as águas pluviais do Acampamento da Telebrasília. Esses ca-

minhões andam em direções opostas, que simbolizam a política habitacional do Governo do Distrito Federal para essas duas ocupações. Por enquanto, o Acampamento fica onde sempre esteve nos últimos 40 anos. A Estrutural, por sua vez, sai de cena depois de amontoar quase três mil barracos em três anos. No que pesem as diferenças, os dois endereços têm em comum a localização privilegiada, em área de alto valor imobiliário. E a modesta renda de sua população — a média estaciona em dois salários mínimos

por família. Até mesmo no governo, as duas comunidades se distanciam. Problema da Estrutural é assunto da Secretaria de Governo; Acampamento fica com o Idhab. "Não estamos mais dispostos a tolerar essa ocupação irresponsável que é a Estrutural", resume o secretário Swedenberger Barbosa. "A Telebrasília é anterior à formação de Brasília, e todo o processo de fixação obedece aos critérios técnicos, o que inclui meio ambiente e as diretrizes do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT)", informa

Tássia Regino, diretora de planejamento do Idhab. O deputado distrital José Edmar (PMDB), autor do projeto que criaria a cidade Estrutural, promete vingança. "Deixe chegar o horário eleitoral" adverte o parlamentar. De fato apesar de agradar a 74% dos brasilienses favoráveis à remoção — de acordo com a pesquisa da Codeplan de agosto de 1996 — o governo perdeu votos. Trocou a Estrutural de 5,7 mil eleitores por 10% disto, que é o total de títulos eleitorais do Acampamento.



A invasão da Estrutural começou a crescer a partir de 1994, quando centenas de famílias se alojaram próximo ao Aterro Sanitário de Brasília. Para conter a maior favela do Distrito Federal, governo está removendo famílias invasoras

Desmonte da Estrutural

Lentamente a Invasão da Estrutural caminha para o desmonte. Um terço dos 3.300 barracos que existiam até julho do ano passado deixaram a paisagem. No segundo semestre de 1997 acabou a relação de tolerância entre o dono da terra, o governo, e os invasores instalados há três anos. Uma operação de guerra para enfrentar a resistência à remoção seria o primeiro sinal visível da ruptura. Depois o lugar ganharia uma administração militar.

O cenário é outro não só porque 983 famílias se mudaram para o Riacho Fundo II ou voltaram para seus estados de origem. As chuvas mais recentes construíram um espelho d'água no centro da invasão que chega a 1,5 m nas partes mais fundas. O lago, ao mesmo tempo, divertiu os meninos e aflige as mães. Os garotos se recusam a aceitar que a água da enxurrada carrega lixo e sujeira para o buraco onde nadam.

A chuva também levantou o capim e atraiu o gado de 341 chacareiros do Córrego do Valo, localizado atrás da invasão, para passeios nas ruas barrentas. Se não fosse pelas construções em madeirite, um barraco colado no outro, lembraria fazenda.

DUPLA INVASÃO

Sem dinheiro para o aluguel em Valparaíso, Dona Izoleide Maria dos Santos Macedo, 50 anos, diabética e com artrose nos braços e pernas, encheu-se de coragem e invadiu há dois anos um barraco vazio na Estrutural.

Tão doente quanto hoje, ela enfrentou a pior praga da invasão: gente que monta barracos só para ganhar lotes do governo. E expulsão à força quem se atreve a invadir. "Sou

cabeleleira com o braço torto da doença. Minha aposentadoria é de salário mínimo, e tenho de comprar remédios de R\$ 40. O jeito foi entrar", conta.

Duplamente invasora, dona Izoleide vive graças à ajuda do vizinho Elias Roberto Soares, vendedor de alho, casado, pai de Hélia e Élide. "É o filho que Deus não me deu. Tem muita gente boa nesta vizinhança", diz a cabeleleira aposentada.

A aposentada é fã do major Wolney Rodrigues, o homem de pouca conversa que administra a Estrutural. "Ele botou foi dois policiais na minha porta quando quiseram me expulsar do barraco", diz.

VIDA DE XERIFE

Por comandar a remoção dos invasores, de vez em quando o major esbarra com ameaças à sua vida escritas em cartazes pregados nas placas da invasão. Ou na forma de bilhetes atirados pela cerca do quartel.

A tática do major Wolney consiste em arrancar os papéis e guardar dentro da sua agenda pessoal. De lá os textos seguem para a polícia fazer a análise da letra (exame grafotécnico) e começar a investigação.

Fora estes contra-tempos, a vida no quartel improvisado na Estrutural tem humor. "Os bêbados daqui têm mania de fazer negócio embriagado. Outro dia, um deles me procurou de manhã para intermediar a devolução de uma mulher, que ganhou do amigo numa aposta de bar", lembra Wolney Rodrigues. "E ainda veio se explicar: 'major, o senhor precisa entender. Sou casado, tenho três filhos. Só aceitei porque estava bêbado'".

